

Da Intoxicação  
pelo Amor

*Leopoldo Pires Porto*

# THESE

APRESENTADA À FACULDADE LI-  
VRE DE MEDICINA E PHARMACIA  
DE PORTO ALEGRE A 7 DE OUTU-  
BRO DE 1908 POR

LEOPOLDO PIRES PORTO

E DEFENDIDA A 5 DE DEZEMBRO  
DO MESMO ANNO PERANTE A COM-  
MISSÃO EXAMINADORA COMPOSTA  
DOS PROFESSORES OLINTO F. BAR-  
ROS, V. DE BRITTO, R. VIANNA E  
CARNEIRO

(APPROVADA COM DISTINÇÃO)

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE CLINICA PSYCHIATRICA

DA INTOXICAÇÃO PELO AMOR

PROPOSIÇÕES

*Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias medico-cirurgicas*

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

**LIVRARIA UNIVERSAL**  
**--- ECHENIQUE & CIA. ---**  
**PELOTAS — RIO G. DO SUL — BRASIL**



## INTRODUÇÃO

O amor foi em todos os tempos, até hoje, e em todos os logares, a these mais debatida que se tem imposto á grande maioria dos escriptores como uma questão sempre palpitante, sempre original, sempre da actualidade.

Escrever sobre elle é «derramar agua no oceano, porque tres quartas partes da literatura se compõem de dissertações sobre o amor» (1). Entretanto, ainda surgem e continuarão a surgir, eternamente talvez, obras e obras, em prosa e verso, sobre este velho thema, contemporaneo do homem na superficie da terra.

Como obras d'arte, quasi todas ellas são insufficientes para um estudo positivo, scientifico do amor.

E isto, porque falseava a verdade das cousas, na literatura passada, a imaginação divagadora e phantasia dos autores; e porque, ainda agora, na moderna escola naturalista, a realidade é adulterada por ser vista atravez de um temperamento, ou é prejudicada em favor do «manto diaphano da phantasia» que a encobre.

---

(1) Forel — La question sexuelle — pag. 115.



Pela leitura dos romances, pelos versos dos poetas, pelas noticias dos jornaes, pela observação de quasi todos os dias, pôde-se affirmar que ha dous amores : «um, alegre, vivo e sadio, sem remorsos e sem magoas, o joven e bello amor que torna a vida encantadora e nos recompensa ; o outro, triste, queixoso, doentio, mais proximo das lagrimas que do riso, que enerva, que nos torna estupidos e sem acção — apenas me refiro aos homens — que nos faz padecer cruelmente a doença sentimental, extremamente frequente, nestes tempos de *flirts*, neste fim de seculo em que as mulheres se gabam de ser *excitantes*, em que se começa e para-se no meio, em que se sonha muito sem agir.»

O amor que existia entre Matheus e Mariana, descripto por Zola na *Fecondité*, é o exemplo mais edificante e convincente do amor são, completo, harmonico, cheio de uma suavidade dulcissima e de um encanto raro que enchiam aquelle lar feliz.

Mas notai a differença comparando-o ao amor que Alphonse Daudet observou no meio parisiense, com precisão admiravel e extrema minucia, perpetuando-o na *Sapho*. Era um amor de louco, constituindo a unica preocupação da sua victima infeliz a debater-se em vão para se libertar d'elle. Paralyzára-se-lhe a vontade, atrophiáram-se-lhe as energias, e no cerebro do desventurado amante só restava uma idéa, só havia uma imagem — a da mulher amada.

E' deste ultimo que nos occupamos.

Mais sentimental ou platonico que carnal, é, indubitavelmente, um estado pathologico e dos mais espalhados na sociedade. Evolve de modo differente, conforme os individuos; e suas terminações varias estão sempre intimamente ligadas á natureza do terreno psychico onde faz suas devastações, perturbando os sentidos, modificando o character, inflingindo ás suas victimas padecimentos ás vezes crueis, intoleraveis, excruciantes, só applacados pelo suicidio, ou modificados pela loucura.

Como caso de psychologia morbida, é interessantissimo e deve ser estudado á luz da medicina, juntamente com as outras molestias do espirito.

Entre o amor são e o doentio não pôde haver uma differença rigorosa, absoluta, porque se vai de um a outro estado por graus successivos de transição, sem se poderem fixar limites, sem se poder dizer onde um acaba e outro começa, passando-se insensivelmente da esphera das manifestações physiologicas para o dominio da pathologia. E' como se, percorrendo a escala zoológica, quizessemos separar nitidamente qualquer especie animal dos demais representantes do seu reino; é como se, examinando a intelligencia humana, procurassemos as fronteiras do genio e da incapacidade intellectual. Ainda aqui, como aliás por toda a parte, nada de absoluto, ou como tal apenas — a relatividade das cousas.

Mas, entre typos extremos as dissemelhanças se impõem: impossivel confundir-se o amor em



que se sente o prazer de viver, a alegria da vida terrena, no seio da sociedade que nos parece bôa, confortavel, cheia de attractivos, com esse outro amor intenso, paixão violenta, eivado de melancolia, de tédio, de inaptidão para o trabalho, para a vida, que nos infiltra de desgostos e tristezas.

Applicaremos á molestia de que vamos tratar todos os methodos de investigação pathologica.

Apontando-lhe as causas, determinantes e predisponentes; investigando os symptomas; traçando-lhe o desenvolvimento; analysando as perturbações psycho-physiologicas concomitantes, e terminando com indicações therapeuticas e prophylacticas, teremos contribuido, insignificamente é verdade, para o estudo scientifico de uma doença d'alma até agora tão pouco cuidada, quasi exclusivamente do dominio dos romances. E esse descaso por tal molestia sempre revelado pela medicina não deve continuar, porque o papel do medico é cuidar dos que padecem.

Felizmente, dado o numero extraordinariamente grande dos apaixonados, vê-se que o mal é relativamente benigno, porque, si algumas vezes o desenlace é fatal, terminando pela morte ou alienação mental, noutras — e estas em maior numero, — que são os casos medios de morbidez, os symptomas evoluem de um modo cyclico, tendendo naturalmente para a cura, toda vez que a causa parallelamente diminue ou desaparece.

Reconhecendo a alta importancia e extrema delicadeza do assumpto, para cujo estudo quasi



nada trazemos da academia, onde empregamos o maior tempo no diagnostico e tratamento das molestias do corpo; enfrentando com a escassez da nosographia sobre a materia; luctando com os embaraços da nossa incompetencia: estamos convencidos de que este trabalho não poderá ser mais que um subsidio, e modesto, a tão relevante capitulo da medicina do espirito.

---

SUMMARIO:

CAPITULO I

EXISTENCIA DO MAL. SUA NATUREZA

CAPITULO II

ETIOLOGIA. PATHOGENIA

CAPITULO III

SYMPTOMALOGIA. GRÁOS DE INTOXICAÇÃO

CAPITULO IV

TRATAMENTO. TERMINAÇÕES

CAPITULO V

PROPHYLAXIA

Francisco O. Ferreira

A memoria de minha Mãe  
e a meu Pai, a quem tudo devo,  
dedico este trabalho.



## CAPITULO I

### **Existencia do mal. Sua natureza**

«Verum amans assidua, sine intermissione, coamantis imagine detinetur.» (Do código de amor do século XII — *Stendhal*.) Quem ama verdadeiramente é occupado pela imagem da pessoa amada, assiduamente, sem interrupção.

### I

A primeira parte deste capitulo quasi não teria razão de ser, si não fosse a necessidade de observar uma certa ordem ou methodo na descripção — de tal modo se impõe o estado morbidos dos apaixonados de amor.

Estes differem inteiramente do homem normal.

O character e a memoria, factores constitutivos de uma personalidade, alteram-se profundamente, ao ponto de nos parecer, ás vezes, que se trata de outra pessoa, que semelha assim um quasi desdobraimento da individualidade.

De tal modo ficam alguns alheios ao meio ambiente, que ás impressões exteriores parecem insensíveis, esquecem necessidades de origem interna, perdem a memoria de um grande numero de cousas, e, de olhar vago, distrahidos, num es-

tado de quasi sub-consciencia, erram por entre nós, sem participar das nossas emoções, alegres ou de pezar; ou procuram o isolamento dos lugares tristes e silenciosos e ahi se deixam ficar, horas a fio, obsidiados pelo ser que amam.

Ora, ahi estão factos reaes, innegaveis, de que ninguem duvida e que estão indicando, de um modo impressionadoramente claro, a existencia de um estado pathologico.

Este, demais, conta entre suas provas as inilludiveis terminações a que conduz o amor doente. Quanto infeliz apaixonado, accommettido de forte amor absorvente, torturado de violenta paixão, desorientadora da sua individualidade, resolve, incapaz de mais soffrer, «pôr um ponto final no seu destino atroz!...»

E quantos outros levados ao manicomio pelos seus amores loucos!...

A imprensa diaria, noticiando, com uma frequencia desoladora, o desenlace fatal dos grandes amores incomprehendidos, contrariados ou não correspondidos, tem demonstrado, á saciedade, que um grande mal ahi está, a reclamar urgentes medidas de repressão. E quem de nós já não teve um parente, um amigo, que em confidencia intima desfiava todo um rosario de torturas, de magoas, de queixumes amargos, dizendo ter chorado toda uma noute, padecendo duvidas crueis exaltadas pelo ciume, sentido, ás vezes, «uno desiderio immenso di morire»?

Essa preocupação exclusiva, obsessão consciente, que se apodera do cerebro do pobre aman-



te apaixonado, não é em tudo idêntica ás obsessões que se installam nos degenerados, nos individuos de systema nervoso mal equilibrado ?

A idéa preponderante da posse de uma mulher ou homem é inteiramente analoga ás idéas obsessivas que se estudam em psychiatria. Vem desta semelhança uma das mais fortes razões para a inclusão do amor no quadro nosographico.

Seu logar na pathologia está no capitulo das obsessões conscientes. E tal é a opinião das autoridades que se têm occupado do assumpto.

De dous elementos se compõe o amor : o physiologico — um desejo ; e o psychologico — um sentimento.

Equilibrados ambos, convenientemente, apresenta-se o amor são, harmonico. Mas sobrepuje qualquer desses elementos ao outro, ao ponto de quasi absorvel-o, annullal-o ; ganhe fóros de idéa fixa, restringindo o campo de consciencia : e estaremos em pleno dominio da pathologia.

Hypertrophie-se o sentimento com atrophia do desejo, e ha-de vir á luz o amor platónico, que já não é mais amor normal, amor completo. Ha, por consequencia, ruptura de equilibrio e o amor é morbido.

Assim pensa Laurent em seu valioso livro «L'amour morbide».

«O amor partilhado, diz esse auctor, deve dilatar a alma e ao mesmo tempo produzir-lhe uma alegria doce e tranquillã. «Eu te amo, diz a bella Mussarion a Phantias, e meu amor é doce como o sopro do zephyro ; agita ligeiramente o



coração, não faz tempestades ; não causa tormentos, mas uma alegria placida».

Longe está elle de ser sempre assim. O amor raramente se mantem como um sentimento ; torna-se quasi sempre uma paixão. Explicar-nos-emos por um exemplo.

Um homem toma-se de amor por uma mulher. Ou ella recusa corresponder ao seu amor ou é indigna de participar d'elle e abusa perfidamente da paixão que fez nascer. Esse homem ama-a embora, e, de alguma sorte, contra a propria vontade. Entretanto a razão fala em seu coração e lhe demonstra que semelhante amor é uma loucura ; prova-se-lhe até a evidencia que a mulher o engana e ri-se d'elle ; que o arrasta á ruina e faz a desgraça de todos que lhe são caros : não importa ! nada o demoverá. Ama-a e não póde esquivar-se de amal-a. Porque ? Elle proprio não o sabe. Ama-a porque a ama, e porque não póde ser por outro modo. E' uma paixão que se assemelha á idéa fixa do alienado, ou, melhor ainda, á obsessão do degenerado, que para nós é a mesma cousa.

O infeliz, atormentado por uma obsessão, não sabe porque lhe veio tal idéa, e, entretanto, não se póde desembaraçar d'ella ; persegue-o por toda a parte e leva-o a commetter os actos mais extravagantes. Seja uma obsessão amorosa — ha sempre ruptura do equilibrio cerebral.

O amante obsidiado é, as mais das vezes, como se verá mais longe, um desequilibrado, um hereditario degenerado, e o amor morbido não é

mais que um syndroma episodico, isto é, um delirio parcial e transitorio.» (1)

Do mesmo modo pensa e diz Féré na «*La famille nevropathique*»: «Krafft-Ebling em vão tentou estabelecer, sob o ponto de vista medico-legal, barreiras entre os movimentos passionaes ditos physiologicos, os movimentos passionaes pathologicos e os estados vesanicos propriamente ditos. Não é sem razão que G. Franck descreve o amor desenfreado como uma molestia nervosa: ninguem se torna louco de amor, senão quando tem um amor de louco».

Igual opinião valiosa e que a esse respeito não deixa duvida, sustenta Roux, com vigor e clareza, em sua obra — *L'instinct d'amour* :

«Tem-se muita vez discutido a questão de saber si o amor-paixão devia ser classificado entre as manifestações pathologicas. Esta discussão poderia parecer ociosa, porque, de começo, se imporia uma demarcação entre o normal e o pathologico. Todos os loucos não estão nos asylos, nós os acotevellamos a cada instante; quem poderá gabar-se de nunca o ter sido em algum logar? Na zona fronteira da loucura, nos casos limites, é muitas vezes impossivel pronunciar-se, por não existir linha nitida de separação, por faltar criterio.

Com respeito ás manifestações do amor, possuimos este criterio, que nos é dado por seu fim nitidamente determinado, a *propagação da especie*

(1) Laurent — *L'amour morbide*, pag. 17.



*nas melhores condições possíveis.* Quem ousaria sustentar que tal fosse o caso para esse manequim sacudido por todos os ventos, esse titere agitado por todas as ondas, que é o obsidiado pelo amor?

Para nós nenhuma duvida é possível: o amor-paixão é um amor pathologico.

Que é, demais, a loucura, na immensa maioria dos casos, senão o exagero morbido de phenomenos normaes, como a paixão amorosa é o exagero morbido do sentimento do amor? (1)

Para Grasset, o amor habitualmente physiologico se torna morbido, quando se desenvolve n'um individuo de *systhema nervoso* doente.

«Considerai, diz Maurice de Fleury, o phenomeno «amor sentimental». Elle evolue, algumas vezes, sadiamente; é, muitas vezes, pathologico.

Sempre que se diz de um homem: «é um amante louco, amante sem esperança, amante platonico», designa-se por estas expressões uma pessoa acometida de uma «affecção», de uma molestia d'alma que passa por ser cruel, ao ponto de determinar padecimentos que na opinião de todos se contam entre os mais lancinantes.» (2)

Poderíamos prolongar estas transcripções tendentes a demonstrar o character morbido dos apaixonados de amor, si, com as que ahi ficam, não o julgassemos sobejamente provado.

Em tal assumpto é quasi unanime a opinião de psychiatras, medicos, literatos.

(1) Roux — *L'instinct d'Amour*, pag. 145.

(2) Maurice de Fleury — *Introduction á la Médecine de l'esprit*, pag. 341.



Veio surprehender-me, por isso, o livro intitulado «Psychologie de l'amour» de Gaston Danville, onde a hypóthese de um amor doente é de todo negada.

Com effeito, o autor, depois de refutar, vantajosamente, as diversas theorias que hão surgido para explicar as manifestações do amor — a da *posse demoniaca*; a da interferencia de forças superiores; nascidas do *incognoscivel, de forças sobre-naturaes*; a do *genio da especie* do metaphysico Schopenhauer, que via na attracção dos sexos a influencia inevitavel e tyrannica do inconsciente fazendo do amante um triste ser passivo, inteira e exclusivamente votado, sem o saber, ao aperfeiçoamento ideal da especie: entra na analyse da theoria pathologica.

Danville reconhece a analogia, a quasi igualdade dos caracteres objectivos do amor aos que constituem as obsessões conscientes; sabe que os amantes apaixonados são casos excepçionaes; não ignora que entre elles ha um numero relativamente grande de criminosos, e affirma, no emtanto, o perfeito equilibrio psychico de todos os amantes.

Para elle não ha amor morbido. E, em apoio do que diz, traz exemplos de ideas fixas que se apoderam do cerebro de um individuo e que, a seu vêr, nada têm de pathologicos: o sabio cujo espirito é inteiramente tomado pela preocupação de resolver um problema; o negociante envolvido em especulações commerciaes que de todo o absorvem. Mas, por outro lado, vê que existem

idéas fixas doentias: a arithmomania, kleptomania, impulsos homicidas, agoraphobia.

E agora, envolvido nesta implexa situação, que lhe impõe a tarefa ardua, e necessidade premente de fixar a zona limitrophe do normal e do pathologico, julga ter resolvido o problema, instituindo como meio differencial, criterio decisivo de diagnostico, o que elle chama — *caracter de utilidade*.

«Em uma palavra, trata-se de julgar si a importancia exaggerada que toma uma idéa num individuo é relativamente proporcionada á utilidade geral ou particular do acto para o qual ella tende». (1)

Este «caracter de utilidade individual ou social» póde ser tudo, menos um criterio scientifico que venha decidir um diagnostico duvidoso, incerto.

Tal caracter, transportado para a medicina do corpo (o que seria permittido), havia de dar resultados interessantes... A vaccina, as inoculações preventivas immunizantes, todas as molestias que por sua intercurencia eliminam outras, todos esses typos reconhecidamente morbidos, deixariam de o ser, visto a sua utilidade individual ou social.

Danville desconhece o proverbio: — «ha males que vêm para bem.» Um individuo com a mania de accumular dinheiro, um usurario obsidiado pela idéa dos grandes capitaes — seria um homem são pelo caracter de *utilidade individual* de

(1) G, Danville — Psychologie de l'Amour, pags. 128 e 129.



tal idéa — e um homem doente pela sua não *utilidade social*.

Ora, é confuso.

Demais, a procreação partida de certas pessoas é, ás vezes, inconvénientissima, sob qualquer ponto de vista.

Supponhamos que entre dous seres portadores de forte diathese nevropathica, haja nascido uma paixão amorosa.

Que utilidade, social ou individual, poderá haver na reproducção de taes seres ?

Nenhuma. Ha pelo contrario, e apenas, prejuizos.

Mas, «si a importancia exaggerada que toma uma idéa num individuo» *não é* «relativamente proporcionada á utilidade geral ou particular do acto para o qual ella tende» — *como no caso presente* — então tal idéa, tornada inutil, prejudicial mesmo, *não é normal*. Assim, servindo-nos do proprio criterio differencial de Danville (instituido para negar a existencia de um amor doente), chegamos, positivamente, á conclusão de um amor pathologico.

Ora, é até contradictorio.

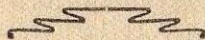
Emfim, decisões reiteradas dos tribunaes, julgando repetidos crimes que têm o amor por movevel, trazem abundantes provas em apoio da existencia do mal que estudamos. Muitos são os criminosos d'esta natureza que a justiça absolve reconhecendo nelles a irresponsabilidade pelo acto que praticaram. Assim foi nesta capital, ainda ha pouco, com o julgamento do alumno militar P. P., que tentára assassinar um seu collega.

«A defesa, noticiou o jornal *Correio do Povo*, entrando na apreciação do facto delictuoso, disse que só uma loucura transitoria poderia ter arrasado á barra do tribunal P. P., moço de qualidades recommendaveis».

«O criminoso involuntario fôra impulsionado por uma verdadeira monomania, tal era a ardente paixão que elle sentia pela moça a quem consagrára o seu amor.»

E, em occurrencias taes, sempre deverá ser ouvido o medico especialista, psychiatra, que julgasse do equilibrio mental do delinquente e sobre tal dêsse parecer.

O amor-paixão é um estado pathologico. Razões para tal, e sobejas, julgamos ter adduzido.





«Tambem se pôde ser obsidiado por idéas indifferentes, por uma phrase trivial, por uma palavra insignificante, e mesmo por um sentimento tal como a tristeza, o crime ou o amor.» (1)

## II

A paixão é uma obsessão e representa, por isso, no conceito dos maiores psychologos, um estigma da degeneração nervosa hereditaria. Com effeito, as manifestações do amor doentio não differem dos symptomas das obsessões conscientes. Estas tem signaes caracteristicos que se podem repartir por tres categorias : signaes de ordem physica, intellectual e affectiva.

E' commum iniciarem-se as crises por uma oppressão precordial, ligeira dyspnéa, tachycardia ou movimentos accelerados do coração, com mais amplos e mais fortes batimentos. Uma superexcitação momentanea ou descargas nervosas repetidas trazem, as mais das vezes, um leve tremor generalizado, quebram o rythmo respiratorio ora em excursões thoraxicas de largos haustos,

---

(1) Pitres et Régis — Les obsessions et les impulsions — pag. 73.

ora num respirar superficial e subtil ; um e outro a alternarem, retém ou modificam a marcha, obrigando ao descanço.

Ha um mal-estar.

Estes symptomas physicos que ahi ficam se observam tambem em qualquer apaixonado de amor á vista da mulher amada.

Nessa occasião, o systema cardio-vascular é dos que mais se resentem desse estado de cousas. A vaso-constricção peripherica se exprime na anemia das faces, e o pulso, arhythmado, se denuncia em movimentos desordenados e tumultuarios.

«A este proposito, diz Danville, o physiologista Mosso lembra a anecdota de Plutarcho sobre a maneira por que o medico Erasistrato tinha reconhecido na desigualdade e movimentos tumultuosos do pulso que Antiochus era apaixonado por Stratonice». (1)

Na esphera das manifestações intellectuaes, todas as obsessões são conscientes. (2) Pois o mesmo se dá com os apaixonados de amor. Elles têm uma clara noção do seu estado ; reconhecem que andam em erro, que são victimas de um impulsão contra a qual não pódom reagir ; sentem que lhes fallece o poder da vontade ; não ignoram os inconvenientes e o absurdo de tal paixão ; mas sacrificam por ella, no emtanto, seus deveres, suas obrigações, sua riqueza e até a vida.

Nelles nada póde a vontade, paralysada contra a violencia do sentimento amoroso.

(1) Danville — obra citada pag. 111.

(2) A obsessão «é uma perturbação de O, é um phenomeno essencialmente consciente e do psychismo superior». Grasset—Le psychisme inferieur—pag. 317.



Porque para Fleury o amor é o mais paralyzante de todos os sentimentos.

Ha obsessões que não têm prodromos, que se manifestam fortemente desde o começo. E no amor doente é commum observar-se um inicio identico.

O primeiro encontro com uma pessoa tem despertado as mais violentas paixões.

Um dia, numa igreja de Florença, Dante vê a doce e bella Beatrice, e logo ali mesmo por ella apaixonado, consagra-lhe o mais platonico de todos os amores.

Stendhal, que melhor investigou o espirito dos amantes, creou, para designar esta rapidez de acção, o termo — *coup de foudre* — depois tornado classico.

O paroxismo é um signal evidente e commum ás obsessões.

Ellas pódem passar por largos periodos de remissão, seguidos de exacerbações agudas. São susceptiveis de cura.

A idéa fixa do ser amado tem os mesmos caracteres. Os apaixonados pódem recobrar a saúde. Mas, ainda aqui, esta cura não lh'a garante a sua organização nervosa, que lhes dá facil receptibilidade morbida, tornando-os sujeitos a reincidencias e até recaidas.

Os caracteres affectivos das obsessões ainda são os mesmos do amor-paixão. Num e noutro caso a angustia e o padecimento precedem á realisação do acto para o qual tende a idéa fixa. Exteriorizada esta, sobrevêm a alegria e a satis-

fação. Em ambos ha a impulsão ou tendencia mais ou menos irresistivel para a pratica do desejo obsidente. (1)

Nos capitulos II e III desenvolveremos por menores de semelhança.

O amor-doente é, portanto, uma obsessão, mercê da igualdade symptomatologica entre os dous estados morbidos até aqui analysados. Dahi sua inclusão no quadro das degenerações do sistema nervoso.

Agora, ainda na mesma ordem de idéas, isto é, dentro do dominio das obsessões, mostraremos ser o amor semelhante a uma intoxicação voluntaria, perfeitamente comparavel á intoxicação pelo alcool, pela morphina, pelo tabaco ou pelo haschich.

Quem quer que familiarizado com os estudos psychicos, delectreie os modernos livros da medicina do espirito, detendo-se com attenção especial no capitulo das paixões, ou quem quer que haja observado, no terreno da pratica, e com olhar penetrativo, os caracteres todos das diversas mono-manias, já terá vislumbrado a semelhança que vai entre estas e a paixão do amor.

A identidade se impõe.

O morphinomano não vive sem a morphina; o alcoolata não resiste á suppressão do alcool;

---

(1) A obsessão morbida, em summa, representa uma condensação de forças nos centros nervosos. Conforme a maior ou menor energia desse elemento, a descarga torna-se mais ou menos necessaria

É como se comprehende a anciedade resultante desse armazenamento de força, como tambem o allivio consecutivo ao desaparecimento da obsessão ou á sua exteriorisação, embora esta traduza o mais nefando crime». Dr. Alberto da Cunha — Obsessões. These inaugural, approvada com distincção.



o fumador não supporta a ausencia do cigarro ; o haschichista está mergulhado na apathia e na tristeza, quando fóra de sua embriaguez psychica, puramente espiritual.

Todos padecem, e horrivelmente, na falta da cousa desejada, da droga querida, que é para elles uma companheira inseparavel, sem a qual não lhes é possivel viver.

«Nesta phase, experimentai, diz Maurice de Fleury, de quem tiramos estas idéas, privar o intoxicado do seu veneno — e o doente padecerá horribeis torturas.

O fumador, sem o seu cigarro, ficará enervado e irritavel ; ao alcoolata sem o alcool, sobrevirá o *delirium tremens*, allucinações, crises de furor e de verdadeira loucura.

E os infelizes morphinomanos ! !

Para que se possam avaliar os seus padecimentos, seria preciso ouvil-os : — choram, supplicam para conseguirem a sua querida morphina; arrastam-se de joelhos, imploram de mãos postas ! Praticam todas as baixezas !

E isso termina lugubrememente : a morte no hospital, o suicidio ou o asylo de alienados».

Ninguem ignora como se installam os vicios de fumar, de beber, de usar morphina ou haschich.

Os que se iniciam na pratica desses habitos, experimentam todos, a principio, o desgosto que lhes causam taes cousas, padecem suas consequencias primordiaes, até á adaptação.

Os primeiros cigarros produzem nauseas, salivação abundante, suffocam, entontecem ; deixam na mucosa da bocca a impressão de um gosto máu-

O alcool, pela sua concentração habitual, traz, deglutido, uma sensação de queimadura, e o individuo que a primeira vez o uzar se ha de sentir mal.

A morphina provoca vomitos.

O haschich, droga intellectual por excellencia, não vai, a principio, sem alguns inconvenientes : a digestão perturba-se ligeiramente ; sente-se pesada a cabeça, á qual sóbem ondas de calor ou de frio ; calefrios percorrem o corpo ; ha uma leve excitação geral.

Por isso o neophyto começa a pratica de taes vicios sem nenhum enthusiasmo, indifferente e até contrariado. Não descobre attractivos em taes drogas. Entretanto, experimentou-as, começa a usal-as, ou porque lhe dizem que são boas, ou... para fazer como os outros.

Mas, eis que de certo momento em deante já não são tão más, insupportaveis ; perdem suas propriedades desagradaveis, quasi não causam desgosto, são facilmente toleradas. Pelo que, continúa a procural-as, mas sem grande enthusiasmo, e, até certo ponto, friamente.

Depois ... «o encanto apparece».

Aos poucos vai-se encontrando prazer : — é um bem estar adoravel, uma sorte de sonho ameno e confortante, uma preguiça deliciosa, um estado de espirito todo azul e sereno ...

Então começa o vicio, que se irá alastrar pelo organismo da sua victima, arruinando-o todo cerceando-lhe a vontade em caminho de atrophia; infligindo-lhe toda a sorte de padecimentos ; trans-



formando-lhe o character ; perturbando-lhe as funcções mais vitaes.

E agora quasi não ha atacal-o.

Surja um amigo, apresente-se um parente intimo, ou venha um companheiro qualquer, que sempre os ha, com intuitos de abrir os olhos ao intoxicado, mostrando-lhe os inconvenientes de taes vicios seguidos de suas consequencias perniciosas e ignominias certas ; e terá como resposta um gesto de desdem ou de superioridade — um levantar de hombros ou um sorriso de benevolencia.

Que ? ! ... Então elle se deixa dominar por essas cousas ! ... E a vontade ? Acaso não existe ella para impôr, no momento determinado, a supressão do vicio ? ... Assim, insidiosamente, começa o mal.

O intoxicado comprehende, ás vezes, os seus inconvenientes futuros, e resolve abandonal-o. Mas não hoje, — amanhã ; ou depois ; — ou quando fôr realmente necessario ...

E, si não ha ainda nenhum prejuizo, porque evitar a quietação de espirito, a «extranha beatitude» da morphina ; porque abandonar esse precioso derivativo da attenção — o cigarro — que nos faz sonhar tão facilmente ; porque abrir mão d'aquelle estado espiritual superior, de sentimentos, idéas e alegrias desmedidas, de imaginação fecunda e concepções brilhantes que fazem o characteristico da embriaguez pelo haschich ? A contar d'aqui, entra elle numa phase de padecimentos reaes, progressivamente crescentes.

Evita a presença d'esses conselheiros gratuitos, preocupados com o futuro alheio ; ás escondidas, bebe o seu alcool ; occultamente, injecta-se, satisfazendo sua necessidade de morphina. Padece cruelmente quando se prolonga a ausencia da droga amada.

Ella não lhe sae da mente. E é com empenho tenaz, com insistencia excepcional e depressivamente, que procura a sua garrafa de alcool, o seu maço de cigarros, ou a linda seringa Lüer que o espera com agulhas aceradas dentro da caixinha metallica.

Porém agora, já não basta a dose do dia anterior, que terá de ser augmentada cada vez mais. mercê de seu effeito, que a adaptação proporcionalmente diminue. Cresce a dóse e decresce a excitação desejada.

O veneno é a obsessão do intoxicado.

Não poderá mais dormir, comer, trabalhar, viver, emfim, sem fumar, beber ou morphinizar-se.

E torna-se pallido, de physionomia abatida, emmagrece, sente palpitações, insomnia, oppressões, dôres e... «isto termina lugubrememente: a morte no hospital, o suicidio, ou o asylo dos alienados».

Vejamos agora a paixão amorosa.

Ha um numero grande de apaixonados nos quaes o sentimento do amor se inicia lentamente, do mesmo modo que a morphinomania, o alcoolismo.

Ao primeiro encontro fortuito com uma mulher, não a achamos bonita, sua palestra é apenas supportavel, seu espirito vulgar.



Não a procuramos, e da impressão que nos deixou nada faria com que voltássemos á casa d'ella. E nos admira que outros, a julguem adoravel, requestando-a, sollicitos e preocupados.

E si vamos segunda vez á sua presença, permanecendo com ella alguns instantes ou horas, é involuntariamente, por effeito do acaso, pelo imprevisto das circumstancias, ou... para fazermos como os outros...

Porém, nesta visita, ou em qualquer outra seguinte, quer-nos parecer que é menos feia e com qualquer predicado que antes passar despercebido — alguma delicadeza, ou um coração muito terno.

E' o encanto que começa.

Continuamos a frequentar-lhe a casa, não já pelas mesmas razões, mas porque junto della ha uma sorte de «preguiça agradavel» que nos atrae docemente. D'ahi sahimos cada vez mais bem impressionados pela sua presença, mais intoxicados que no dia anterior.

Longe d'ella, sua imagem vem, a miudo, ao nosso espirito, trazendo a lembrança amena das horas passadas em emotivo recesso de lar, acenando brandamente para que voltemos.

Comtudo, não andamos apaixonados, não ha mais que uma aprazivel intimidade incipiente, e já apparece um importuno, nada sabendo de amor, só lhe conhecendo o lado material, physiologico, incapaz de sentir, a fazer tolas considerações sobre paixão.

— Cuidado!... Não te deixes prender á mulher... Nada mais aviltante que a paixão!

E respondemos a isto com um levantar de hombros ou com um riso de superioridade.

Em seguida, entramos, gradativamente, em francas manifestações de apaixonado.

Padece-se na ausencia da bem amada; sem ella fica-se inactivo, irritavel e absorto; por ella esquece-se tudo e commettem-se os maiores desatinos.

E sobrevem a pallidez e o abatimento, a insomnia e a debilidade...

Só junto della ha alegria, ha felicidade, se póde viver.

Depois... é o mesmo fim dos intoxicados, que não é preciso repetir.

Desenvolvido até aqui este quadro comparativo, ninguém pretenda concluir que, depois de haver mostrado ser o amor doente uma obsessão queiramos igualmente provar que elle é uma intoxicação como qualquer das que diariamente se diagnosticam na pratica.

Não affirmamos que o amor seja uma intoxicação igual ás que produzem os venenos de ordem chimica, nem consideramos como um toxico, na accepção scientifica do vocabulo, as graças femininas, em conjuncto ou em particular.

E este ponto é preciso deixal-o bem evidente: — sustentamos, apenas, que o amor morbido evolue do mesmo modo que as intoxicações voluntarias.



Perfeitamente comparavel a ellas, com a mesma pathogenia, com identicos symptomas, com terminações analogas e tratamento semelhante, não póde ser um erro falar-se em *intoxicação pelo amor*, nem encerra esta expressão uma impropriedade de termos.

Sabe-se que em medicina é commum dar a uma entidade morbida incompletamente estudada, um nome que vem incluil-a no numero das molestias de um determinado grupo clinico, e ás quaes ella é apenas semelhante nas suas manifestações. Por esta razão rheumatismo parece ter entrado para o quadro das infecções, pois o termo *infecção rheumatica* é de uso corrente e a ninguem admira.

Com as considerações até aqui expendidas julgamos ter justificado o titulo d'esta these, em apoio do qual invocamos a auctoridade de Maurice Fleury, que primeiro o empregou em obra coroada por tres academias de Paris — a Françoza, a de Sciencias e a de Medicina.

---

## CAPITULO II

### **Etiologia. Pathogenia**

Multiplas são as causas que hão sido propostas para explicar as manifestações do amor. Mas quasi todas ellas apparecem formuladas com tal carencia de fundamentos positivos, que julgamos dispensavel refutal-as em analyse minuciosa.

Não tem valor scientifico ou interesse pratico, não se esteia na observação e na experiencia a theoria de Schopenhauer, que só via no amor a influencia exclusiva do inconsciente, attraíndo um para o outro os dous seres, no intuito unico da procreação nas melhores condições de perfectibilidade.

Nem a de Hartmann, aliás identica á do philosopho precedente, de quem elle foi um exaltado continuador.

Nem a de Delbeuf, para quem o ser humano é o instrumento inconsciente de um *espermatozoide* e um *ovulo* que dictam «a escolha intelligente dos amantes».

Nem a de Bain, que via no amor o desejo carnal sob a fórma de uma emoção a qual se vinha accrescentar o «encanto da disparidade», ex-



plicando a attracção dos contrastes de temperamento e das dissemelhanças de corpo.

Na etiologia da intoxicação amorosa distinguimos duas ordens de causas: *predisponentes* e *determinantes*: aquellas, variaveis em aspecto, consistindo em um vicio das funcções nervosas, hereditario ou adquirido, ou dependentes de condições de meio até certo ponto difficeis de apreciar estas, representadas pela pessoa amada.

Haviamos já mostrado na capitulo anterior, em estudo comparativo, ser o amor morbido uma obsessão, o que implicava, forçosamente, um desequilibrio do systema nervoso.

E tal é, na verdade, o estado cerebro-espinhal do intoxicado pelo amor. «Os ascendentes transmittem aos descendentes não só suas fórmias corporaes com seus defeitos physicos, mas tambem seus defeitos intellectuaes e moraes. Não é esta uma lei absolutamente fatal, mas, pelo menos, uma lei que apenas soffre um pequeno numero de excepções».

E' quasi sempre no pae que se deve procurar a razão de ser dos amores platonicos do filho. Póde aquelle não ter tido paixões, mas qualquer nevrose, psychose, ou males de outra natureza que influissem na organização dos seus descendentes, legando-lhes um systema nervoso tarado.

A causa predisponente mais geral e que, com segurança, se encontra em toda paixão amorosa é o *desequilibrio mental*, caracterizado pela *des-harmonia, originalidade, excentricidade*, porque todo

amante apaixonado é *desharmonico, original, excêntrico* em suas faculdades e suas inclinações.

E como o *desequilibrio mental* figura nos tratados de psychiatria constituindo uma transição entre o estado normal e o pathologico, segue-se que todo apaixonado é um habitante desta zona fronteira.

Vivem nella os degenerados superiores, degenerantes, individuos que podem ser dotados de uma intelligencia elevada, muito culta e muito lucida, mas sempre imponderados nas suas manifestações affectivas, moraes, intellectivas.

São anormaes.

Desde a escola se destacaram tanto pela comprehensão clara e facil das lições, como por caprichos, birras, instinctos máos.

Evoluiram, brilhantemente ás vezes, e chegaram á puberdade com perturbações nevropathicas : enxaquecas, nevralgias, perversões do instincto sexual ; attingiram á mocidade, apresentando, ora estados de depressão : melancolia, misanthropia, hypocondria, — ora de exaltação : desejos de viagens, aspirações de gloria, prodigalidade excessiva, exaltação politica, religiosa, ambições de muito brilho e muito prestigio ; manifestando-se exaggerados, quer nos seus grandes impulsos de coragem e de força, quer em crises de desespero e desanimo deante das cousas mais insignificantes e futeis ; patenteando-se exquisitos e originaes, assim no modo por que se vestem, caminham, falam, escrevem, como na prodigiosa variedade de gostos e aptidões ; revelando-se ex-



centricos e bizarros, tanto na preocupação absorvente de gestos, de phrases, de fórma, quanto em vocações para colleccionar cousas inuteis: objectos de vestuario (gravatas, chapéos); ou para se cercarem de certos animaes (passaros, gatos.)

Deixam-se absorver em pesquisas e invenções ridiculas. Seres frageis e incongruentes, polychromicos, pôdem ser accommettidos de obsessões e impulsões, á bebida, ao jogo, ao homicidio, ao suicidio, á intriga; apresentam manifestações de hysteria, neurasthenia, revestindo, quasi sempre, a fórma cerebrasthenica ou psychasthenica.

Em summa, são degenerados superiores, nos quaes ainda não se encontram estigmas physicos ou somaticos de degeneração, malformações, paradas de desenvolvimentos, mas onde se vêem indicios caracteristicos de disequilibrio funcional: hyperesthesias da affectividade, anomalias de ordem moral, hypertrophias intellectuaes, contraste de faculdades e inclinações, parecias da vontade, aberrações de sentimentos.

São abastardados psychicos.

O que mais os distingue é a imponderação de seus actos, a não continuidade de esforços, a variabilidade das orientações que tomam, a falta de persistencia em quasi todas as resoluções.

Nelles a vontade não se exercita systematicamente, dentro de uma mesma ordem de cousas, visando reiteradamente o mesmo fim.

São capazes de grandes esforços, é verdade, de uma força volicional elevada, mas infelizmente ephemera, e incapazes, não é menos verdade, dos



pequenos trabalhos, sempre repetidos, accumulados, e que produzem os grandes resultados. Não podem querer todos os dias a mesma cousa e vêm a paciencia e a moderação como prosaismos da vida. Também não é sem razão que Payot os chama *preguiçosos*.

A loucura, o alcoolismo, a tuberculose, a histeria, a epilepsia, a paralytia geral, paranoias, todas as perturbações emfim do equilibrio mental, entrando nellas essas vontades exóticas, cheias de caprichos que nada explicam e características de muitos individuos aos quaes o povo denomina *maniacos*, sobrecarregam, commumente, os antepassados hereditarios do apaixonado de amor.

Algumas observações de psychologia pathologica publicadas no livro «L'amour morbide» de Laurent, mostram claramente o que digamos. Por extensas, deixaremos de transcrevel-as inteiramente, limitando-nos a citar trechos principaes.

«H... é um homem de uma intelligencia acima da média e de um espirito muito culto. Sua vida não foi mais que uma longa série de extravagancias e de excentricidades. Inscripto como advogado no fôro de Nancy, sua situação não o impedia de se mostrar á frente dos mascarados mais burlescos; era o organisador de cavallhadas, onde se vestia da maneira mais excentrica. Um dia, passeou pela cidade em vestes de advogado, de solidéo á cabeça. Outra occasião, encaminhou-se para o circulo da magistratura, onde entrou a cavallo, obrigando este a subir toda uma escada.



Mais tarde o vemos tomado da mania do jogo.

Uma noite deitado ao lado de sua mulher, accorda em sobressalto, levanta-se, quebra uma porta de vidro e se introduz no quarto de uma de suas primas, a quem faz soffrer os peiores ultrajes.

Em seguida, é perseguido por idéas de suicidio e cae em novas extravagancias. Então, não joga mais, porém quer descobrir o movimento perpetuo».

O amor num homem desta natureza, é claro que não poderia ser harmonico : elle devia amar com violencia — excentricamente, obsidentemente. De facto, «apezar de todas as supplicas dos seus, desposou uma mulher por quem se apaixonára quasi sem conhecê-la e de um momento para outro. Este casamento era deploravel sob todos os pontos de vista».

Perquirindo agora a hereditariedade desse homem. ver-se-á como é carregada. «Pelo lado materno, sua avó era hysterica; sua mãe teve, em seguida a diversos partos, um accesso de delirio melancolico e morreu tísica; um de seus tios foi internado como alienado; uma de suas tias era uma mulher de character exaltado, aventureoso, que via tudo negro, e que se fez recolher, durante quatro mezes, em um asylo; uma segunda tia è melancolica, e uma terceira fraca de espirito, de um character bizarro, extraordinario, mãe de uma filha quasi imbecil».

Pelo lado paterno é igualmente escuro o

quadro dos seus antepassados; e, entre os collateraes, ha uma irmã epileptica.

«Camilla é uma moça feita, de physionomia animada, intelligente, muito bem educada, tendo recebido uma brilhante instrucção em differentes estabelecimentos, onde se fez notar tanto por suas qualidades nativas, como por seus defeitos».

«Em tempo curto, tem soffrido modificações oppostas de character: antes affectuosa e de espirito exageradamente versatil, agora grosseira e egoista, não supportando a familia, que odeia.

Ha dezoito mezes, sobretudo, que se tornou irritavel: nos seus transportes lança-se contra o pai para matal-o; ameaça sua mãe, que detesta, não querendo supportar a menor observação.

«Foi para uma pensão de campanha, e dahi regressando á casa materna, não demora em se entregar a um individuo de origem belga, um desertor, pae de diversos filhos illegitimos e que acabava de ser condemnado a um anno de prisão por furto. Ora, é de notar que ella nada ignorava da situação equivoca do seu amante.

«Depois tomou-se de tal paixão por esse individuo que «... declarava vender-se si o seu amante lh'o pedisse, e sentir coragem de matar pae e mãe para lhe obedecer.»

Vejamos seus antecedentes hereditarios.

«Achamos, do lado paterno, um bis-avô jogador e perdulario, um outro bis-avô devasso e perseguidor de moças, um avô ebrio e preguiçoso. O pae é um homem pouco intelligente, que vive na ociosidade e despendendo uma grande parte do seu dinheiro no café, onde faz



numerosos excessos alcoolicos.

A mãe é uma mulher muito nervosa, muito impressionavel, e que fala em tom de ceceo. Des-te lado encontramos ainda um tio que se suicidou em seguida a revezes da sorte, uma tia debil, uma outra tia mal equilibrada, lojreira, gostando muito que se occupem d'ella e que se lhe faça a côrte. Emfim, um primo irmão de Camilla é avaro e allucinado, um perseguido delirante.»

«R... foi sempre um pouco desordenado, arrogante e ambicioso. De um character variavel, ora exaltado, ora diprimido. Espirito muito activo, muito emprehendedor, possui uma instrucção bem desenvolvida.

Contra os conselhos da familia, entra para a carreira dramatica, depois de haver fugido de casa. Percorre a Allemanha, a Belgica e a America do Sul, representando comedias e commetendo excentricidades, cuja principal é esposar sua professora — uma dançarina de profissão.

«Por um contraste singular, á sua attitude tomada, á sua actividade intellectual corresponde uma grande fraqueza de vontade; sempre se deixou dominar por sua mulher.

Finalmente, na direcção de um theatro parisiense, praticou taes loucuras e extravagancias, que mereceu ser internado.

«Ora, remontando á sua hereditariedade, encontramol-a pesadamente carregada como sempre. Sua mãe era uma nevropatha devota e colerica. Dous tios maternos são hemipletos; um dos irmãos paralytico geral e outro mal equili-



brado. De duas irmãs, uma é debil, devota e per-  
dularia, outra excentrica e desordenada.»

Essas tres observações que ahificam. em re-  
sumo, mostram bem o disequilibrio funcional  
que vai pela historia progressa do apaixonado  
de amor, como o estado pathologico da sua ar-  
vore genealogica.

Seus ascendentes foram marcados por quaes-  
quer perturbações do encephalo ou da medulla, le-  
gando-lhe um systema nervoso viciado no seu  
funcionamento, fazendo d'elle um ser cerebral-  
mente mal constituido, sem resistencia ás influen-  
cias do meio, o peor dos extravagantes, a victi-  
tima certa, em qualquer oportunidade, de todos  
os delirios conscientes.

E a importancia desta ordem de cousas avul-  
ta, em se sabendo que, no conceito avisado dos  
tratadistas, uma das mais fortes correntes patho-  
logicas que atravessam a sociedade moderna, di-  
zizando familias inteiras, é a diathese nevropa-  
thica.

A hereditariedade tuberculosa exerce. em al-  
guns casos, influencia positiva na etilogia do  
amor morbido.

Todos sabem que o tysico é um ser physi-  
camente mal organizado. O systema cerebro-espi-  
nhal resente-se, não poucas vezes, desse estado  
de cousas; e a degeneração nervosa é, a miudo,  
consequencia da bacillose herdada.

De par com a fraqueza corporal do phyma-  
toso caminha, não raramente, uma tibiez d'alma



que lhe dá um temperamento demasiado sensível ás influencias ambientes.

Em muitos casos se verifica uma tendencia anormal á hypocondria, á idéas tristes, ou ao contrario, á satisfação, ao bem-estar, á euphoria. Encontra-se um augmento da affectividade que o torna emotivo; a intelligencia esclarecida, excitada mesmo; a vontade enfraquecida, levando-o á impulsão, arrastando-o á decisões quasi imprevisitas e injustificaveis; um estado de suggestibilidade que o faz impressionavel; a consciencia diminuida.

E' bizarro, voluvel, caprichoso, irritavel, egoista ás vezes.

Apresenta, em successão, phenomenos de asthenia e de hyperexcitabilidade.

Nada mais commum que se vêr apaixonado de amor esse typo esguio e fragil, de pelle alva, delicada, coberta de leve pennugem, mão comprida e fina, unhas arqueadas, olhos humidos e brilhantes de longos cilios recurvados, cabellos sedosos e abundantes. E não só na pratica, mas tambem na literatura, encontram-se esses traços em personagens que amam doentiamente.

Laurent diz de um dos que observou: «Razap muito intelligente e muito bem educado, elle é o que se chama communmente uma victima do amor. Apaixona-se por uma mulher com facilidade surprehendente e a satisfação de sua paixão não poderá soffrer a menor demora . . .

Logo que seus olhares convirjam para uma mulher, ella lhe é indispensavel immediatamente, custe o que custar, embora tenha de despender



sommas enormes e se cobrir de ridiculo. No principio de sua carreira amorosa ardeu em casta chamma por uma florista das *Folies-Bergère* que o escarneceu e esvasiou-lhe a bolsa, sem lhe ceder nada. Mais tarde gastou quantias relativamente consideraveis para obter favores de uma dançarina excentrica, a quem suas cabriolas lascivas deram uma hora de celebridade. Durante um mez ella esteve em moda. Com a impaciencia que o caracteriza, o nosso observado, cedendo á attracção que arrastára tantos outros, não quiz enlanguecer sua paixão e pagou muito caro o que, algumas semanas depois, se obtinha a preços bem moderados. Ultimamente, tem commettido as mais graves extravagancias com uma meretriz, declarando que se arruinára por ella e que a teria mesmo esposado si ella o exigisse.

Entretanto, do começo ao fim de sua união, essa mulher se mostrou cruel, cedendo-lhe seus favores só com a maior parcimonia e em troca de grandes recompensas, enganando-o abertamente e, o que mais é tratando-o por toda a parte de pateta e imbecil. A quem lhe dava conselhos e tentava trazel-o a sentimentos mais judiciosos, respondia:—Corações seccos que nada entendeis de amor.»

O alcoolismo entra no numero das causas predisponentes do amor morbido com uma frequencia desoladora, mau grado as sociedades de temperança, repressoras do vicio.

As obsessões são, nos alcoolatas, manifestações habituaes, quasi inevitaveis, e o alcool, mer-



cê da sua influencia preponderante sobre o aparelho nervoso d'entre todos os demais da economia, é, talvez, o maior factor da degeneração hereditaria.

O peor de todos os degenerados é aquelle que, trazendo o ethylismo em seu passado ancestral, materno, ou paterno principalmente, se entrega ás libações alcoolicas. E' um terreno duas vezes preparado para o desenvolvimento das paixões.

Nelles o amor assumirá, quasi fatalmente, proporções de um delirio.

E o que tiver apenas, na sua evolução ontogenica, a razão de ser da imperfectibilidade nervosa funcional que lhe é propria, tambem ha de menos todavia que o alcoolata desequilibrado por herança, trazer impresso no seu psychismo o cunho da degenerencia.

No alcoolismo, cujos signaes physicos não precisamos lembrar, «a memoria diminue, a sensibilidade affectiva desaparece, a espontaneidade intellectual se apaga e a decadencia moral acompanha a decadencia physica.»

Por ahi se avalia facilmente a aptidão pathologica que traz a victima de tal vicio, desarmada para resistir ao embate das paixões.

\*  
\*  
\*

A intoxicação pelo amor não é menos fatal na hysteria. E como não ser assim, si o hysterico é «o rei dos desequilibrados».



E' um ser de espirito versatil, romanesco, que vive a idealisar as cousas mais sublimes e impossiveis. Tomado de idéas extravagantes, que o absorvem todo, por ellas se deixa levar facilmente em sacrificio proprio e commettendo loucuras que, não raro, o levam ao manicomio. Não hesita, na satisfação de seus caprichos, que são desejos violentos, irrefreaveis, em lançar a deshonra e o opprobrio sobre si e toda sua familia

De consciencia alterada, vai até ao crime com o maior sangue frio.

O que mais caracteriza o hystericico é a extrema mobilidade de espirito. Caprichoso, phantastico, impulsivo, versatil, em constante desejo de se pôr em destaque, de provocar escandalo, ruido, capaz de muita intelligencia, brilhante e cultivada, quasi sempre mordaz quando exercitada na satyra ou no epigramma, dado á controversia, á contradicção e ao paradoxo, impressionavel, habilissimo em fingir e mentir, passa, sem transição, da maior alegria para a maior tristeza.

Ri espasmodicamente.

Nelle o choro e o riso se substituem, alternativamente, com uma rapidez admiravel.

Excessivamente impressionavel, ou demasiado impassivel, experimenta, de subito, sympathias fortissimas e antipathias profundas.

Incoherencia perfeita na acção.

Taes doentes, passados para muita gente despercebidos, ou como sãos, ou até como seres superiores, incomprehendidos, abundam em toda



a sociedade, maxime no sexo fraco, onde a hysteria parece ter tomado maior desenvolvimento.

Nelles tudo é *mobilidade* e *contraste*: *idéas*, *sentimentos*, *affeições*, *instinctos*, *actos*.

Quem não sabe uma historia de mulher virtuosa, esposa fiel, de espirito educado e fino, com um pudor exagerado, ás vezes, e que veio surprehender a todos, abandonando esposo e filhos, para acompanhar o criado de casa ou o cocheiro do carro ?

Occasiões ha em que amam com amor immenso ao homem que primeiro lhes apparece. «Amam-no, sem saber porque. Elle chegou; pareceu que ellas o esperavam; é o seu messias do amor».

Esta observação do Dr. Adriani dá bem a medida do que tratamos.

«Sobrinha de um louco, prima de um imbecil, irmã de um degenerado, R... recebeu uma educação brilhante e muito severa. Casou aos dezoito annos com R..., mas sem gosto e sem enthusiasmo. Teve seis filhos que amou com paixão, ao ponto de não querer permittir que outras pessoas os agarrassem e, ainda menos, os abraçassem. Uma vez obrigada, por falta de leite, a confiar uma filhinha a uma nutriz, vendo-a nos braços desta, foi tomada de tal furor, que esteve ao ponto de matar a infeliz ama. Muito religiosa, era de um pudor exagerado, chegando a cobrir os seios para amamentar seus filhos, mesmo diante de pessoas amigas e familiares. Outra occasião, fez despedir a um criado que lhe levantára as

vestes para permittir-lhe subir mais facilmente ao carro. Tinha um medo exagerado a cães e gatos. Muito impressionavel, de um character susceptivel, encolerisava-se com facilidade, e, a todo instante, por nadas, passava da exaltação mais viva ás violencias impulsivas.

Ha alguns mezes, o marceneiro M... foi chamado á casa para trabalhos. Era um homem louro, dez annos mais velho que ella. Sentiu por elle tal amor, que não tinha mais repouso, nem de dia, nem de noute. Por elle usava as mais bellas roupas, cobria-se de joias, pintava-se. Com elle dançava, enlaçando-o estreitamente, e, devorada de ciume, impedia-o de dançar com as demais mulheres. Ella, que, todos os dias, ouvia tão devotamente a missa e commungava, que na rua se benzia diante das imagens da madona e dos santos, chegou a pronunciar palavras grosseiras e obscenas. Seu character severo e taciturno mudou por completo: ella se tornou alegre, cantando incessantemente».

Esta mulher, finalmente, depois de haver commettido toda a sorte de desatinos, fugiu á noite, quando todos dormiam, abandonando a casa e um *filhinho que ainda amamentava*, para se entregar ao amante.

«L... é um camponez cuja hereditariedade nervosa é das mais carregadas. Filho de hystericos e alienados, é elle proprio um hystericico convulsivo, um exemplo notavel da grande hysteria no homem. Sua vida fórma um conjuncto



de extravagancias que acabaram por leval-o á prisão».

Depois de casado comicamente e divorciado em seguida, «teve successivamente, duas amantes, que o enganaram e roubaram. Queria mesmo esposar a ultima. Pertencia inteiramente a essa mulher que soube leval-o a commetter um furto. Só na prisão foi que seus olhos se desvendaram e que se vio enganado por aquella a quem amava».

A velhice é, algumas vezes, com pequena frequencia relativa, uma causa predisponente do amor morbido.

Na verdade, o velho tem, em geral, o que se diz experiencia do mundo:— é pratico, positivo, circumspecto, timido, desconfiando, cheio de ensinamentos tirados da observação do passado, da experiencia dos homens e das cousas; já não tem enthusiasmos nem iniciativas e não se deixa arrastar por chimeras.

Por isso é menos sujeito á intoxicção amorosa; mas, como essa pouco depende da experiencia e da vontade, elle tambem paga a ella o seu tributo.

E a razão principal, parece-nos, está no depauperamento geral do velho. Seu organismo se enfraquece, sua virilidade se apaga; porém o que de continuo não acompanha esse voluir geral da economia, é a lembrança dos prazeres da mocidade, a preocupação do amor, que se torna então phenomeno exclusivamente cerebral e se transforma em idéa fixa,

E' esta a *idade critica* do homem, analoga á da mulher, surgindo entre os quarenta e cinco e os cincoenta annos, cuja existencia foi affirmada por psychiatras como Régis, Bombarda, Mouillac, Skales, Clauston.

A's vezes, esta época se passa insensivelmente, sem claras manifestações; outras vezes, seus symptomas, de intensos e manifestos, evidenciam-na claramente.

Valleteau de Mouillac diz do velho nessa idade: «Então, quando elle não tem nenhum pezar, nenhum embaraço, torna-se triste e não se sente mais o mesmo. Fatiga-se facilmente e seus actos perdem a espontaneidade. Muitas vezes, conserva-se no seio da familia sombrio e taciturno. Falar lhe é um esforço. Apenas diz algumas palavras, particularmente ás refeições. Já não toma interesse pelas cousas de sua casa por sua mulher, por seus filhos. Tudo lhe é indifferente e parece não ter mais affeição por ninguem. Descontente de si mesmo, descontente dos outros, mostra-se de exigencia extrema para as mil pequenas cousas da existencia. Sua mulher, seus filhos extranham-no, tanto seu character mudou. Depois, ao fim de alguns mezes, de um anno, este homem recupera sua alegria, volta a ser o que era d'antes. Donde vem, pois, essa tristeza, essa melancolia, essa metamorphose de character, que fizera o desespero dos seus? Deriva toda da idade critica; e, passada a crise, o homem mal se lembra do periodo atormentado que atravessou».

Mas nem sempre corre assim, tão benigna.



esta phase da vida. Nem sempre o homem assiste, mais ou menos conformado, á involucção senil do seu organismo; nem sempre a vontade capitula deante do debandar das unidades phisicas, como nem sempre regressa ao estado normal, ou porque o suicidio venha por termo a esse estado de cousas, ou porque mais se engraveça a instabilidade do equilibrio mental.

O homem quizera ainda amar.

Não renuncia á posse da amante E não vê os proprios cabellos que encanecem, a pelle que se encarquilha, o encurvamento do talhe, o circulo senil...

Artificialmente procura augmentar a seiva que lhe escasseia, e quando esta, de todo ausente, o faz bater em retirada, então cae num estado de neurasthenia profunda — de lassidão invencivel, de hypocondria.

Nestas circumstancias, fica o velho aberto á receptibilidade morbida; e as suas paixões, que todos nós conhecemos, são da peor especie e do maior ridiculo.

Para aqui transcrevemos duas observações medicas, publicadas na *Revue* de 15 de junho de 1907.

«Um engenheiro de cincoenta annos, á frente de uma importante uzina, vive ha quinze annos com sua esposa, uma mulher que tem serias qualidades e á qual elle consagra grande affeição. Um dia sente uma paixão tenaz por uma moça de dezenove annos, paixão que o persegue sem descanso, obsidia-o dia e noite, sem lhe dei-

xar um momento de repouso. Sua situação é ainda mais dolorosa por haver elle guardado sempre uma viva affeição por sua mulher. Diversas vezes teve a idéa de suicidar-se. Chega, enfim, ao auge dos seus desejos, e, sem guardar a menor reserva, conta sua sorte a quem quer ouvir-o com uma exposição de palavras e minucias que impressionam. Entretanto não é feliz porque o ciume o atormenta. Hypnotizado por esse amor, torturado pelo ciume, chega a esquecer seus negocios, a não mais se occupar delles, sem se inquietar com a ruina que o espera».

«Um homem de cincoenta annos, casado e pae de familia, toma-se de violento amor por uma moça, sem que esta nada fizesse para provocal-o. Esse amor é sem exito: e, cançado de luctar, o homem favorece o casamento com todas as suas forças e todo o seu dinheiro, e um casamento feliz, da mulher que elle ama. Como resultado desta decisão heroica, annos de tormentos, insomnias invenciveis com pesadelos e imagem obsidente da mulher amada, abandono de toda occupação séria, idéas e tentativas de suicidio, apesar do amor que elle tem a seus filhos. O medico prescreve uma longa, muito longa viagem; mas o «doente» volta ao fim de quinze dias, no mesmo estado de neurasthenia e de melancolia, com o mesmo desgosto da vida. E, assim como succede muitas vezes nos amores tardios, sem exito, o doente acabou por se entregar á devassidão desenfreada, guardada muito em segredo e



que sua correção, sempre alerta, nem mesmo permittia suspeitar».

\* \* \*

Na época da menopausa, o espirito da mulher experimenta modificações facilmente apreciáveis.

E' um periodo para muitas mulheres perigoso de atravessar. Ha as que por elle passam sem se resentirem de consequencias de maior monta ; mas ha tambem as que delle vão ter ao dominio das psychoses.

Idéas, character, sentimentos, soffrem profundas modificações.

Vê-se sobrevir a irritabilidade, o erotismo, mysticismo, exaltações religiosas, amores platonicos, ciumes, hypocondria. Toda a sorte de obsessões e impulsões.

«De facto, todos os alienistas estão de acôrdo em considerar a idade critica como uma das causas mais poderosas da neurasthenia, da alienação mental sob todas as suas fórmãs, melancolia, delirio de ciume, idéas de perseguição, loucura amorosa, loucura mystica, loucura religiosa». (1)

E demais, nesse momento, a mulher contempla, amargurada, o dispersar das bellezas do seu corpo ; vê, impressionada, fugir-lhe a seiva que lhe dava a razão de ser da sua vida sexual.

---

(1) Dr. Romme — *Revue* de 17 de Junho de 1907.

Afflicta, reconhece-se incapaz de inspirar amor. Comtudo, ella ainda quizera amar...

Pela satisfação desse desejo extremo e insensato, obsidente, commette os actos mais vergonhosos, comprando o amante e não amando nunca ao mais digno, mas... quasi sempre ao mais moço.

A's causas até aqui expostas se vêm accrescentar muitas outras, predisponentes do amor morbido.

Todas as molestias debilitantes, que enfraquecem o organismo, anemiando-o, a fadiga, emoções violentas, sobrecarga intellectual, excessos physicos, a educação, reflectem inevitavelmente sua acção no estado do equilibrio nervoso.

A cellula nervosa, elemento nobre da economia, mais que qualquer outro sensivel ás modificações do meio interno, o sangue, é quem primeiro se rescente das alterações da nutrição geral.

No periodo de convalescença das doenças agudas onde a irrigação sanguinea cerebral é deficiente, creando para o individuo um estado de espirito demasiado sensivel, sonhador e fraco, a intoxicação pelo amor é bem possivel.

E assim é tambem nas grandes emoções, nos acontecimentos imprevistos e dolorosos, taes como a morte de um parente amigo, ou nas adversidades da sorte, onde a depressão geral do systema nervoso é manifesta, como, para empregar a phrase moderna, nos «doentes de hypotensão».

Para muita gente, a erudição colhida sem uma orientação util e proveitosa, ou accumulada



até exceder a capacidade receptiva do estudante, é, na formação do seu character, um elemento contraproducente e de consequencias funestas.

Um desejo de todo pae é possuir filhos sabios. E o fraco espirito destes, nem sempre supportando as repetidas cargas excessivamente pesadas que lhe impõem, dobra-se debaixo do peso dellas. Dahi o estudo mal assimilado, incomprehendido, dando a razão de ser de quasi todos os scepticismos.

A educação domestica, a religiosa e a litteraria, mercê das influencias que exercem sobre a personalidade, podem, mal encaminhadas, preparar terreno para o desenvolvimento do amor doentio.

Familias ha, e muitas. para as quaes o assumpto predilecto parece ser o amor. Sobre elle discreteiam a cada momento ; e, por toda a parte, mães e filhas, estas entre si, ou de si para suas companheiras, a dispendem em considerações ociosas e vãs um tempo que melhor fôra tivesse outro emprego. Assistindo a esses espectaculos, vae-se formando o espirito da creança, todo inclinado ás imitações.

E a isto intercorre, collaborando nas mesmas consequencias, o funesto formalismo da religião catholica, prégada em casa, nos collegios e nas igrejas.

Ainda na infancia, ou quando mal vêm despontando os primeiros clarões da adolescencia, já nos obrigam ás ladainhas incomprehensíveis, dogmas impenetráveis, absurdos, e — o que mais é



— dão-nos a meditar livros de rezas, em cujas paginas se descreve sempre, em inflammada linguagem de paixão, contagiosa e excitante, o mais platonico de todos os amores.

De dous desses livrinhos, os mais espalhados aqui em nosso meio, e que nossas patricias nunca abandonam ao se encaminharem para a missa ou se recolherem ao leito, conservados com carinho e respeito, revestidos, quasi sempre, de luxuosa encadernação, intitulados, um — *Pensai-o bem*, outro — *Diurnal da mocidade christã*, transcrevemos, respectivamente:

«VI — Acto de desejo».

«Eia pois, alma minha, é chegada a hora feliz na qual o teu Jesus ha-de entrar no teu pobre coração. Eis aqui o Rei do Céu, o teu Redemptor, e Deus que já vem a ti. Dispõe-te a recebê-lo com amor. Chama por elle com efficaz desejo. Vinde, ó Jesus meu, vinde á minha alma, que muito vos deseja. Primeiro que vos deis a mim, Senhor, quero eu dar-me toda a vós. Vinde, meu Deus, depressa e não tardeis, unico e infinito bem meu, meu thesouro, minha vida, meu paraizo, meu amor, meu tudo!»!

«Acto de amor para servir á communhão espiritual»:

Vinde a mim, ó Jesus, a fim de que, de um modo mais intimo e mais affectuoso, eu possa dizer-vos que vos amo.

Eu vos amo de um amor *de preferencia* que vos colloca em meu coração acima de tudo: pra-



zeres, honras, riquezas, vida, thesouros do Céu e da terra... Nada, nada vale vosso amor!

Eu vos amo, ó meu Deus, com um amor de união que só me deixa um desejo, o de vos ser unida no espirito, no coração, na vontade, no tempo, e na eternidade toda inteira.

Eu vos amo, ó meu Deus, com um amor de desejo que me faz suspirar por vós e que me faz achar longas, bem longas, essas horas que ainda tenho a passar longe do Céu!

O' Jesus! Jesus! vinde pois em meu coração, e este amor que eu sinto, este amor que desejo, augmentai-o, fortificai-o, tornai-o eterno!»

Ainda do segundo livrinho:

«Affectos amorosos e desejos de commungar»:

«Inflammai, bom Jesus, nesta hora, minha alma com o fogo de vossa caridade; allumiai, amor meu, este coração com vossa eterna luz; ajuntai todos os meus sentidos interiores e exteriores; tirai de meu coração a nevoa e cegueira, para que vos ouça, vos conheça, vos ame, vos receba e abrace com puro amor. Quão formoso sois. Esposo da minha alma, quão rico, quão cheio de bens vos mostraes, sahindo desse tabernaculo onde residis, e quão abrazado de amor vindes entrar em mim, que sou terra e degredo de miserias! Vinde pois, saude minha, vinde gloria minha, vinde, bemaventurança querida e desejada desta alma. Adoro-vos, Deus escondido, adoro esse amor, adoro essas misericordias, adoro esses divinos bens e riquozas de que estaes cheio».

Aluizio de Azevedo punha na bocca de Magda esta doraçãõ, repetida todas as noutes:

«Jesus, filho de Maria, principe dos céos e rei na terra, senhor dos homens, amado meu, esposo de minha alma, vale-me tu, que és a minha salvaçãõ e o meu amor! Esconde-me, querido, com o teu manto, que o leão me cerca! Salva-me! Não me deixes cair em peccado de luxuria, que eu sinto já as linguas do inferno me lambendo as carnes do meu corpo e enfiando-se pelas minhas veias! Vale-me, esposo meu! amado meu! Amado do meu coração, espero-te esta noute no meu sonho, deitada de ventre para cima, com os peitos bem abertos, para que tu me penetres até o fundo das minhas entranhas...»(1)

Não sei o que falte a estas orações para que tenham o cunho de uma incendiaria declaraçãõ de amor. Não differem, nem pela fórma, nem pela idéa, das cartas apaixonadas que se escrevem aos amantes. Não lhes falta mesmo o timble de sensualidade, quasi sempre inseparavel do sentimento de amor. Numa, a religiosa quer dar-se toda a Jesus, antes que elle se dê a ella, chamando-o meu thesouro, meu amor, meu tudo...; noutra, pede que Jesus venha a ella, afim de poder dizer-lhe, de um modo mais intimo e mais affectuoso, que o ama; noutra ainda, a devota sente Jesus, tão formoso, tão rico, e esposo de sua alma, entrar nella abrazado de amor; noutra, emfim, ella declara esperal-o esta noute, dei-

(1) Aluizio de Azevedo. O Homem, pag. 70.



tada de ventre para cima, com os peitos bem abertos, para que Jesus a penetre até o fundo das entranhas.

Ora, (desculpem o sacrilegio) d'aqui á reprodução da especie, só falta Jesus corporificado. E se taes religiosas attingem, em sonho, *ao orgasmo venereo*, não é de admirar.

Repetidas essas orações, antes de dormir, fica a mulher, muitas vezes de espirito fraco e apprehensivo, entregue a estranhas cogitações e pensamentos de amor, contemplando aquelle corpo de homem nú, Jesus, só com ella, recolhido ao silencio mysterioso do quarto.

Olha, concupiscente, para aquellas fórmulas salientes e rijas, que a imagem de Christo representa. Seus olhos começam a percorrel-as todas, em crescente admiração, em desejo embriagante. Admira-lhe os olhos ternos, meigos e machucados pelo soffrimento, os longos cabellos louros encaracolados, aquelle rosto pallido, onde tão fielmente se estampára a dôr; a barba nazarena que «parecia ter bebido de cada mulher da terra uma lagrima de amor...» E, excitada, palpitante, abraça e beija o corpo chagado do filho de Maria, balbuciando: «Meu amado, meu irmão, meu esposo!» Dizendo-lhe, em delirio: «Eu sou a tua pomba immaculada; sou o mël de que teus labios gostam, sou o leite fresco e puro com que tu te acalmas; tú és o vinho com que me embriago!» (1)

---

(1) Aluizio Azevedo *O homem*, pag. 74

Vê-se, claramente, que ahí está uma paixão amorosa de natureza mystica produzida pelas praticas religiosas. Estas, mais a condemnação formal e categorica dos amores impuros, devem ter criado um numero incalculavel de apaixonadas pelo Christo. Então, sob a capa do sentimento religioso, o sentimento do amor se manifesta pathologicamente, passando pelo espirito do joven apaixonado, envoltos em aspirações celestiaes, ardentes desejos de posse dos niveos seios da Virgem Maria ou do corpo enrigecido do Nazareno.

Tambem, nos conventos, a intoxicação pelo amor parece ser endemica. Nelles, rezava uma estatistica, publicada o anno transacto ultimo, no jornal *Correio do Povo*, desta cidade, por occasião de discussões sobre o divorcio, nelles a hysteria tomára um desenvolvimento progressivamente maior. E, portanto, este factor morbido hereditario, tendendo a operar no sentido que lhe dá a exclusiva preocupação religiosa, deve ter produzido as mais violentas paixões de que é passivel a alma humana.

Demais, multiplamente conhecidos são os casos deste genero, bastante para que não insistiamos sobre elles. Mas não posso evitar o desejo de transcrever para aqui esta passagem da paixão do abbade Mouret:

«Hora de voluptia divina. Os livros de devoção á virgem ardiam entre as suas mãos. Elles lhe falavam numa linguagem de amor que queimava como um incenso. Maria não era mais



a adolescente velada de branco, braços cruzados, de pé a alguns passos de seu Christo ella apparecia no meio de um esplendor, tal como João a viu; coroada de doze estrellas, tendo a lua a seus pés; perfumava-o com o seu bom odôr, enflammava-o do desejo do céo, arrebatava-o até ao calor dos astros flammando em sua frente. Elle se lançava á sua frente, apregoava-se seu escravo; e nada excedia a esta palavra — escravo, que repetia, de que mais gostava, em sua bocca balbuciante, á medida que escabujava a seus pés, para ser sua cousa, seu nada, o pó revoltado pela ondulação de sua cauda azul. Dizia como David: «Maria é feita para mim». Accrescentava com o evangelista: «Tomei-a para minha felicidade completa». Chamava-a «minha cara esposa», falho de palavras, chegando a uma tagarellice de creança e de amante, não tendo mais que o folego entrecortado de sua paixão. Ella era uma fonte que o Santo Espirito havia fechado, um sanctuario onde a Santissima Trindade repousava, o throno de Deus, a cidade de Deus, o altar de Deus, o templo de Deus, o mundo de Deus, e elle passeiava neste jardim, á sombra do sol, sob o deslumbramento das verduras; elle, habitava o bello interior de Maria, ahi descansando, ahi se occultando, ahi se perdendo sem reserva, bebendo o leite de amor infinito que cahia gotta a gotta desse seio virginal... » (1)

---

(1) Zola — La faute de l'abbé Mouret.

Goulart de Andrade exprimiu admiravelmente, em versos, onde a belleza da fórma se allia á solidez da observação, a paixão d'esta freira:

### Soror Clara

Na abobada ogival de austero claustro escuso  
 O derradeiro som dos passos se propaga.  
 De uma lampada sáe um clarão circumfuso,  
 Que ora vivo fulgura, ora quasi se apaga,  
 Tal como uma lucerna em escuro aposento.  
 Borbolha a fonte no adro, e a agua a correr, parece  
 Exhalar um queixume, um sentido lamento,  
 Um como balbuciar de fervorosa prece.  
 Quando a chamma se alteia, incende-se o dourado  
 Dos sagrados paineis que apparecem, luzindo ;  
 No grande candelabro a embalar-se, pesado,  
 Pingentes de crystal scintillam rebolando !  
 Depois de Helio chegar no seu purpureo plaustro,  
 Acordando no valle as candidas boninas,  
 As noivas de Jesus, retornarão ao claustro,  
 Em symetrico bando a cantar as matinas !  
 Agora, a escuridão de espalmada aza enorme  
 Cobre tudo ! Um respiro ouve-se em cada cela...  
 Mandaram-nas dormir... pois toda monja dorme,  
 Excepto Soror Clara...

### Ella, sósinha, vela

Que o somno bemfazejo, ai, fechar-lhe não veio  
 As palpebras de neve : Um calefrio corre  
 Pelo corpo de ebúr, celere ondula o seio,  
 Um soluço represado á garganta lhe morre...  
 Estorce-se convulsa, arqueia-se fremente ;  
 Rompe com as hirtas mãos os habitos talaes,  
 Sacode-os para longe, e, núa inteiramente,  
 Surge, tão alva como a toalha dos altares !  
 O seu mystico olhar que espargia um escasso,  
 Amortecido brilho, ha pouco, ora scintilla  
 Num bellico fulgor de uma lamina de aço,



Cortando a treva ; assim lhe flammeja a pupilla !  
 Já corre pela nave... Inflammada em desejos,  
 Vae, penetra o sanctuario... Um tremor nunca visto  
 Crispa-lhe o corpo todo... E um rosario de beijos  
 Desfia pelo rosto exanime do Christo,  
 Branco, pregado á cruz, em marmore esculpido !  
 «Jesus ! Volve esse brando olhar para meu lado :  
 «Que te importa este céu ? Meu corpo estarrecido  
 «De amor, é teu, é teu ! Jesus, meu bem amado,  
 «Assim como te cinjo, assim como te aperto,  
 «Aperta-me tambem e cinge-me a cintura...  
 «Abandona essa cruz... Tudo dorme e é deserto.  
 «Desprega os braços, vem... A misera murmura.  
 E Jesus olha o Céu ! Triste rictus lhe paira  
 A' bocca ; e se calor possue, é que lh'o empresta  
 A carne que o jugúla e blasphema e desvaira  
 Em desejos febris... Implexa como a giesta,  
 Recurvada, em delirio, o olhar cemi-cerrado,  
 Soror Clara o acarinha e o fita e arde e suspira,  
 Sacrilega e feroz, tentando o inanimado,  
 Petreo corpo mover !... Embalde o beija e o mira,  
 Que elle é de pedra e é Deus ! A louca impenitente  
 Salta e recua e cae sobre o frio lagêdo  
 A torcer-se gritando : «Impotente ! Impotente!...»  
 E quéda-se a tremer... e tem febre... e tem medo...  
 Hirta, estira-se e... morre...

O sol entra dourando

A claraboia iriada ! As noviças aos pares,  
 Eis, entram em tropel, ante um corpo estacando  
 — Alvo, tão alvo como as toalhas dos altares ! (1)

\* \* \*

Em um numero não pequeno de individuos  
 é na orientação literaria operando, ou exclusiva-  
 mente por si, ou, o que é mais commum, vindo

completar a obra de desequilíbrio mental já hereditariamente recebido, que reside a causa de muitas paixões.

Embrenhados na leitura dos livros de literatura romantica e barata, unicos que são encontrados entre mãos de nossas mocinhas lidas ou de alguns rapazes sabidos, e que ainda hoje a Europa exporta, a rodo, para consumo dos mercados d'aqui, criam-se numa atmosphera metaphysica de amores predestinados, cheios de aventuras arriscadas, feitos quixotescos, eivados de ficções, de suspiros, de lagrimas prehes de sentimentalismo piegas, repletos de incomprehensivel linguagem mystica, de obstaculos incalculaveis e absurdos.

Espiritos fracos, na sua maior parte, têm a imaginação povoada das phantasias lidas e que não comprehenderam ou a que não deram o devido valor. Assim educados, na preocupação de cousas divinaes e intangiveis do amor espiritual conquistado

«... ao sol de mil perigos,  
« Como um rubro estandarte entre mãos de inimigos !  
« Não podendo soffrer aventuras serenas ».

são como evadidos do passado, no desejarem reviver os tempos da antiga cavallaria.

Na lucta pela vida, cada vez mais positiva, mais prosaica e mais real, são seres desarmados para enfrentar a concurrencia dos seus semelhantes, quiçá mais bem aparelhados para a existencia ; e, quando lhes fôr chegada a occasião de



amar, nada os demoverá do amor que elles envolveram em ficções.

«As literaturas modernas, diz Guyau, são ou um pouco barbaras ou muito refinadas, muito invadidas pelo que Pascal chamava as *paixões do amor*. A mulher é a musa inspiradora das literaturas modernas, e ha perigo em introduzir muito cedo no espirito dos filhos a obsessão do eterno feminino». (1)

Victimas da instrucção.

Chegados á maturidade sexual, não lhes nasce, espontaneamente, o sentimento do amor, como uma necessidade organica surgida da intimidade das cellulas e tecidos da economia: recebem-no, prematuramente, das paginas do romance.

Abeberaram-se, primeiro, nessa fonte viciosa do excepcional e do doentio.

Della partiram, impados de sentimentalidade, desejosos de felicidade supra-terrestre, de alma deliquescente, anhelando tragedias fortes de amor, apotheosando a paixão.

Nelles, o advento das manifestações do amor não provirá de suas faculdades innatas, que lhes são privativas, de suas tendencias commedidas e razoaveis, inconscientes, consoante a norma natural e logica dos que amam sadiamente. Não. O typo que idealisaram, ou melhor, que copiaram, é de comprida grenha revolta, fronte sonhadora, olhos langurosos, face pallida, de um espirito su-

---

(1) Guyau — Education et heredité — neuvième édition, 1907, pag. 174.

perior que não se preocupa com a ordem das cousas, e deriva integralmente das inspirações romanescas.

As scenas lidas impressionaram-os fundamentalmente. Debeis de espirito, tomaram muito a serio o lyrismo artificial desses romances, terminados, ás vezes, por uma suprema desgraça (*para os que acabam mal*) ou por inaudita ventura (*para os que acabam bem*). Emocionou-os até ás lagrimas e á melancolia, por um tempo relativamente longo, todo aquelle intrincado enredo, onde os protogonistas não são humanos, são titeres, sem alma, que o auctor vae movendo a seu talante, á sua conveniencia, a seu capricho, onde se destaca a força inexoravel do fatalismo, arrojando implacavelmente o alçapremado heróe ou victima principal do scenario á frente de acontecimentos imprevistos e tumultuarios.

D'aqui por diante não se lhes vai mais do psychismo, nelle indelevelmente gravado, esse ideal de amor, colhido em literatura malsã. Fazem-no seu. Procuram-no, agora, pela sociedade e, facilmente, vão exteriorisal-o, corporifical-o no primeiro desequilibrado que encontrarem.

Ahi começam a amar, e não com moderação e harmonia, porém como aprenderam nas suas leituras, procurando reflectir idéas e sentimentos do heróe que reproduzem.

E' um amor até certo ponto artificial; e, como diz Max Nordau, elles não amam com o centro sexual, mas com a memoria. (1)

(1) Max Nordau — Paradoxes psychologiques—pg. 38



Ao perquirir as causas predisponentes da intoxicação pelo amor, não será difficil, é provavel mesmo que algumas me hajam passado despercebidas, attentos a natureza e o numero não pequeno das mesmas.

Determinando o amor morbido, o que sempre se observa é a pessoa do ser amado. E esta podendo ter uma existencia real ou ficticia, é portanto, sua causa invariavel, immediata e evidente — *determinante*.

Na alma do amante apaixonado actua, ora um conjuncto que lhe é ideal, de graças corporaes e psychicas, ora algumas dellas isoladamente: um espirito, para elle, alegre e delicado, um olhar irresistivel, a curva caprichosa e traiçoeira de um collo...

A pathogenia da intoxicação pelo amor é variavel em seu inicio, até o apparecimento dos grandes symptomas de obsessão.

A entrada do mal se opera, á parte os casos medios de morbidez, por duas fórmas principaes e extremas: uma fórma lenta, precedida de um periodo de incubação, e outra rapida, sem prodromos.

Em parallelo feito entre as intoxicações voluntarias e o amor doente, vimos a maneira insidiosa por que este se iniciava.

Vimos que a principio nada podia fazer suspeitar que uma paixão amorosa ali estivesse, embryonaria, naquellas ligeiras relações de intimidade, naquelle innocente passatempo, ou naquelle *flirt* innoxio. Era assim no começo.

O acaso arrastára, as primeiras vezes, para junto daquella mulher, a esse homem, que em breve seria o seu amante apaixonado. Mais de uma vez viera á sua presença, friamente, indifferente e sem nenhum enthusiasmo, trazido sempre por causas alheias á sua vontade. Mas, eis que, firmada a convivencia entre ambos, trocados, respectivamente, olhares e idéas, uma nascente sympathia se vai esboçando nos traços physionómicos da mulher, accentuando-se nas linhas de seu espirito, destacando-se na ternura e bondade de seu coração.

E' o inicio da crystallisação amorosa, productora do encanto que começa.

«Deixai trabalhar a cabeça de um amante durante vinte e quatro horas, diz Stendhal, e eis aqui o que encontrareis.

Nas minas de sal de Saltzbouurg, lança-se ás profundidades abandonadas da mina um ramo de arvore desfolhado pelo inverno; dous ou tres mezes depois, retira-se elle coberto de crystallisações brilhantes: os menores ramos, os que não são maiores que o pé de um abelheiro, estão guarnecidos de uma infinidade de diamantes moveis e resplandescentes: não se póde mais reconhecer o ramo primitivo.

O que eu chamo crystallisação, é a operação de espirito que tira de tudo que se apresenta a descoberta de que o objecto amado possui novas perfeições». (1)

---

(1) Stendhal — De l'amour — pg. 5



De ora em diante, do mesmo passo que toda a fealdade da mulher se irá apagando gradativamente na imaginação do amante, avultará em crescente destaque o conjuncto de suas perfeições.

Ao escandir os attributos característicos da bem amada, não lhe lobra, falho de vista, o feio e o ridiculo, mas só alcança, e em sobeja visão, o bello e o gracioso.

Extasia-lhe a vista, deleita-lhe o ouvido, enleva-lhe o espirito aquelle ideal de formosura, construido de elementos dispaes e desarrazoados. De entendimento obscurecido ou cego, não vê a fealdade; de intelligencia allucinada, desviada, apparecem-lhe os defeitos como perfeições. Tambem, diz o adagio: «quem o feio ama formoso lhe parece». Compraz-se em revestir a amada de graças que ella realmente não possui.

Si lhe fosse possível comparar a impressão que ella lhe causára, ao primeiro encontro, com a que lhe ficára no espirito, após a crystallisação, veria quanto eram oppostas e dissemelhantes.

Illudiu-se a si mesmo. E nessa illusão collaboraram a convivencia — uma attenuante da fealdade — e uma dirimente — a sua organização cerebral viciada. Começou, ás vezes, por achal-a feia e sem attractivos: convenceu-se depois de que era bella e irresistivel. São duas idéas antagonicas que se fazem sobre o mesmo objecto.

Em seguida entramos em pleno dominio das obsessões, onde é identico o evoluir das duas fórmas de intoxicacão pelo amor.



Vejamos a segunda.

Esta não se annuncia por nenhum signal prodromico; assume de entrada o maximo de intensidade, com francas e fortes manifestações para o lado do funcionamento psychico.

E' o *coup de foudre*, expressão classica, criada por Stendhal. Cae-se apaixonado.

Na formação do espirito de um individuo, agrupam-se ao redor do desejo sexual innato, e sob influencias de temperamento, de educação, de meio, sentimentos de amor a principio não bem determinados, em seguida mais definidos e esta-veis. Passa-se do sentimento vago, incorporeo — de uma idade em que ainda se ama o amor — para a *systhematisação* do sentimento, para a época das aspirações mais fixas, assentadas, decisivamente elaboradas.

Nesta segunda phase é que se começa a esboçar a figura da bem amada, dando-se-lhe fórma, revestindo-se ella de todos os requisitos exigidos pelas aptidões particulares de cada um.

Chega-se assim á representação mental completa da mulher futura — cria-se um ideal, onde não raro predominam particularidades de fórma, de côr, assumindo proporções notaveis : cabellos de uma tinta especial, linhas determinadas de *physiognomia*, ou uns olhos negros tentadores. São fetiches do amor.

Elaborada a imagem do ser que será amado, procuramol-o por toda a parte.

E então venha ella, concretisada, passar deante dos olhos do nosso desequilibrado psy-



chico, reproduzindo-lhe, em carne e osso, a figura amada que elle acariciára atravéz de sonhos, que construíra demoradamente em horas de longo scismar, e que depois afagára, desejára com ardor, personalizando o seu ideal querido, e vel-emos cair dominado : — é uma timidez instantanea, um enleio inesperado, um *mal-estar adoravel*.

Daqui por deante, monopolisa-se-lhe a consciencia a idéa exclusiva da amante.

E' a obsessão.

Sob duas fórmulas se inicia, portanto, o amor-doente; e, tendentes a demonstral-as, visto como este trabalho é todo positivo, medico, darei aqui duas observações das quaes, por extensas, só extrahirei os trechos mais necessarios para o caso.

Marcello T..., preparador do Museu e interno de um dos laboratorios do Instituto Pasteur em Paris, tomára-se de violento amor por uma senhora da alta sociedade parisiense. Esta relatou a Fleury, em carta que lhe dirigiu, hoje inserta no livro «Introduction á la Médecine de l'esprit», todo o desenvolvimento da paixão de que fôra a causa :

«Por grande acaso, começa a carta, (porque nessa occasião elle quasi não frequentava a sociedade) tive o ensejo de encontrar na casa da mulher de um professor da Faculdade de Medicina», um joven sabio, o Dr. Marcello T...

Este Marcello T... não era bello, nem seductor, como de ordinario se entende. Trinta e cinco annos e de oculos, cabellos á Clovis Hugues, uma

barba muito mal cuidada, e roupas incríveis compradas promptas em qualquer grande loja. Ficavam-lhe tão mal, que tinha sempre o ar de se haver enganado no vestuário tomando o fato de um outro. Aconteceu que eu ouvira fallar d'elle durante um jantar. Meus dous visinhos de mesa não cessavam de celebrar seus grandes meritos de pesquisador; diziam-no em via de acabar um grande trabalho de interesse consideravel, sobre o microbio de não sei mais quê. Ora, não ha como poetas para picar a curiosidade de mulheres muito modernas. Os jovens sabios destinados a um alto renome não podem ser mais desdenhados; e, quando, a meu pedido, o meu amigo apresentou-me áquelle senhor tão mal vestido, assaltou-me um vivo desejo de avaliar o encanto de espirito e a inflammabilidade do coração dessao gente. Sou viuva, absolutamente livre, incontestavelmente não feia, antes elegante, e me prometti divertir-me muito.

Marcello ficou a principio inteiramente aturdido pelos meus galanteios. Bem longe de estar seduzido, tinha medo de mim. Gentilmente lhe pedi, com a mais graciosa insistencia, para visitar seu laboratorio, o que elle recusou formalmente, como si eu lhe propuzesse um sacrilegio de espantar. Apenas ousou confessar-me que amava a bôa musica. Quanto a amor, nada sabia e nem se interessava evidentemente em conhecê-lo melhor.

Um outro acaso foi preciso para que de novo nos approximassemos; e, por minha promessa,



fiz-me galanteadora, tão ousada quanto é possível a uma mulher honesta na sociedade.

Para encontral-o em dia fixo, todo o inverno o fiz convidar para uma multidão de casas amigas, e tive a doce alegria tranquillã de verificar que esse trabalhador esforçado, que esse cenobita esquivo procurava, para me agradar, tornar-se mundano. Nada conheço mais divertido que a metamorphose progressiva do seu modo de ser. Cortou os cabellos á escovinha, poz á barba brilhantina em profusão, substituiu seus oculos por um *pince-nez* leve, sem ousar todavia ir até ao monoculo. Mandou fazer roupa nova e botinas de verniz, poz em uso gardenias estupendas, fez visitas á tarde, apresentou-se de calções *gris-perle* e gravatas á *clubman*. Era ridiculo, assim paramentado!... E o ar devoto com que me confessava a melancolia de sua alma fazia a alegria de minhas bôas amiguinhas. Ria-me com ellas, um pouco vilmente, deve-se dizel-o, do meu «macaco-sabio», como diziamos, todas. Todo o corpo medico ria-se fartamente, e era difficil que Marcello voltasse ao seu laboratorio, onde se tornava lendario.

Ao fim de um mez ou dous deste regimen, o meu amante era perfeitamente insuportavel. Eu não podia conversar cinco minutos com outro homem, tomar aquelles ares de confidencia intima que constituem a apparencia do *flirt*; não podia mesmo apertar cordialmente a mão de outro amigo, sem que elle estivesse em torturas. E o peor é que tudo isto saltava aos olhos. Como todos



os ingenuos, como toda a gente muito sincera, não sabia dissimular suas impressões. E de repente, viam-no vir a mim revirando olhos ferozes; fazia-me scenas aos cantos, ou então retirava-se, deixava a casa como uma criança que vai chorar. E eu creio que chorasse, com effeito, enfiando-se pelas ruas escuras».

Depois, essa paixão se engravecera mais, entrando em fortes manifestações de obsessão que deixo para citar no capitulo seguinte.

Transcreverei agora um caso de amor morbido sem signaes precursores que deixassem entrever o seu apparecimento, e que Stendhal observára no meio berlindez.

«Tenho visto, diz esse auctor, a amavel e nobre Guilhermina, o desespero dos *bellos* de Berlim, desprezar o amor e zombar de suas loucuras. Brillhante de mocidade, de espirito, de belleza, de felicidades de todos os generos..., uma riqueza sem limites, que lhe permittia desenvolver todas as suas qualidades, parecia conspirar com a natureza para apresentar ao mundo o exemplo tão raro de uma felicidade perfeita alliada a uma pessoa perfeitamente digna. Tinha vinte e tres annos; já de ha muito, na cõrte, ella rejeitára delicadamente as homenagens da mais alta distincção; sua virtude modesta, mas inabalavel, era citada como exemplo, e de ora em diante, os homens amaveis, desesperando de lhe agradar, não aspiravam a mais que sua amizade. Uma noite ella vai ao baile em casa do principe Fernando, dança dez minutos com um joven capitão.



«Desde esse momento, escrevia ella depois a uma amiga, elle se tornou o senhor do meu coração e de mim, e isto a tal ponto que me teria enchido de terror, si a felicidade de vêr Hermann me deixasse tempo para pensar no resto da existencia. Meu unico pensamento era observar si elle me dava alguma attenção.

«Hoje, o unico consolo que posso achar ás minhas faltas, é persuadir-me da illusão de que uma força superior arrebatou-me a razão e a mim mesma. Não posso por nenhuma palavra pintar de um modo que se approxime da realidade, até que ponto, só ao perceber-o, attingiram a desordem e a subversão de todo o meu ser. Corei em pensar com que rapidez e com que violencia fui arrastada para elle. Si sua primeira palavra, quando enfim elle me falou, tivesse sido: «Vós me adorais?» na verdade, eu não teria forças para deixar de responder: «Sim». Longe estava eu de pensar que os effeitos de um sentimento pudessem ser ao mesmo tempo tão subitos e tão pouco previstos. Chegaram a tal ponto que um momento julguei estar envenenada.

«Pouco depois de haver dançado com elle, o rei partiu; Hermann, que era do destacamento em serviço, foi obrigado a acompanhal-o. Com elle tudo desapareceu para mim na natureza. Será em vão tentar descrever-vos o excesso de tédio que me opprimiu desde que o não vi mais. Só era igualado pela vivacidade do desejo que eu tinha de estar só commigo mesma.

«Consegui sair emfim. Apenas fechada a duas voltas de chave no meu quarto, procurei resistir á minha paixão. Julguei conseguil-o. Ah! minha cara amiga, como paguei caro aquella noite e os dias seguintes!...»

E essa infeliz Guilhermina, depois de uma serie de desgraças, morreu moça, envenenada por si ou por seu amante.

Entretanto este apenas dançava bem e era muito alegre; vivia entre meretrizes.

Essas duas abservações que ahi ficam julgo-as sufficientemente demonstrativas das fórmas iniciaes que toma o amor doente.

A paixão que Beatrice Portinari inspirára ao Dante, ao primeiro encontro, numa igreja de Florença, é geralmente conhecida. Do mesmo modo todos sabem como nasceu o forte amor irresistivel de Jean Gaussin, descripto na Sapho com uma justeza irreprehensivel.

Dissemelhantes a principio, como se acaba de vêr, confundem-se depois as duas fórmas de intoxicação pelo amor, sem mais distincções possiveis, com identico evoluir, com a mesma pathogenia.

A paixão manifestar-se-á agora pelo mechanismo mental das obsessões.

A attenção repetidamente fixada sobre uma pessôa crêa uma imagem cerebral, para a qual convergem quasi todas as especulações mentaes. E esta imagem cresce soberana sem ser tolhida ou embaraçada pelas que com ella entram em



concorrência, mercê da relativa independência dos centros corticaes em todos os degenerados.

Mas as demais representações, desviadas para um plano muito inferior, em intensidade, ao da idéa obsidente, não são completamente abolidas: com ella entram constantemente em conflicto, pela mesma razão das desconexões nervosas. E desta lucta vem a razão de ser da angustia que tem o obsidiado da sua situação, assistindo imponente ao alastrar da imagem invasora e soberana.

Tem uma clara noção do seu estado, contempla inanio o crescimento e predominio da idéa que o tortura; uma vez por outra tenta reagir e lhe fallece energia: vê a inutilidade dos seus esforços.

A impulsão obesrvada na pratica é uma consequencia da obsessão, que encerra em si uma tendencia irresistivel á exteriorisação, ao acto.

Assim pois, a idéa forte, incompletamente atacada pelo jogo imperfeito das representações, hypertrophia-se, restringe o campo da consciencia, parea a vontade, produz a obsessão. Dahi, naturalmente, a *impulsão*, Das multiplas subdivisões do eu, a *consciencia*. Das imagens ainda em actividade, a *angustia*. Da execução do acto desfado, a *satisfação*.

Este mecanismo do amor-morbido, como se vê, é explicado pelas conclusões, todas logicamente deduzidas, do imperfeito equilibrio mental dos degenerados.